

b o l e t i n

f o t o - c i n e



ano IX
n.º 106

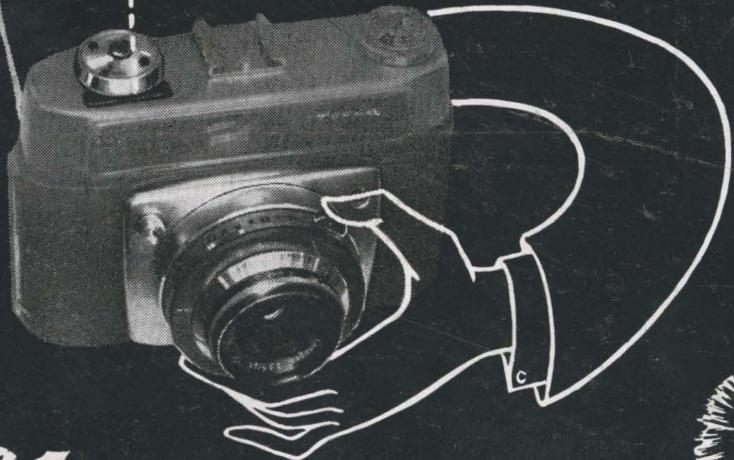
Todo Mundo fala...

da

ROCCA - MATIC 35



com o NOVO fotômetro
automático COPLADO
com diafragma e
obturador



ROCCA - MATIC é mais uma



V. S. ACHARÁ OS 3 MODELOS "ROCCA-MATIC" EM TÓDAS AS BOAS CASAS DO RAMO

NOTÍCIA IMPORTANTE PARA OS FOTÓGRAFOS!

A Kodak Brasileira resolveu mobilizar seus recursos técnicos internacionais para aperfeiçoar seus papéis fotográficos Kodak, e trouxe, para esse fim, ao Brasil alguns de seus melhores técnicos da fábrica Kodak de Rochester. O resultado de todos esses esforços são os magníficos papéis, não só para ampliação como também para contato, que já estão sendo usados com excelentes resultados nos maiores laboratórios e estúdios fotográficos do País.

SÃO FABRICADOS NO BRASIL PAPÉIS DE AMPLIAÇÃO E CONTATO, DE CARACTERÍSTICAS DE QUALIDADE IDÊNTICAS ÀS DOS FAMOSOS PAPÉIS PRODUZIDOS NAS FÁBRICAS DE ROCHESTER, NOVA YORK, E. U. A.



OS NOVOS PAPÉIS KODAK
SÃO DE QUALIDADE INSUPERAVEL,
SEJAM QUAIS FOREM
OS DE OUTRAS MARCAS
OU PROCEDÊNCIAS.

a qualidade máxima que V. pode desejar na quantidade que V. quiser, em todos os tamanhos e a preços mais convenientes

- ampla latitude de exposição
- ampla latitude de revelação
- alta sensibilidade
- longa vida útil sem perda de qualidade
- perfeito espaçamento de contraste
- fidelidade de detalhes e pureza de contrastes
- amplo sortimento de superfícies

PAPÉIS FOTOGRAFICOS

Kodak

para
grandes
ampliações...
FUJI NEOPAN F



Outros filmes
Fuji de alta
qualidade

Fuji Neopan S (Sch. 29)
Fuji Neopan SS (Sch. 32)
Fuji Neopan SSS (Sch. 35)

...é o ideal —

— nunca deixa a fotografia granulada!

fuji

O filme de confiança usado
em todo o mundo!

FUJI PHOTO FILM DO BRASIL LTDA.

rua Major Diogo, 128 — fone: 35-8492
São Paulo



Diretor Responsável:
Dr. Eduardo Salvatore

Diretor de Redação:
Dr. Rubens T. Scavone

Secretário:
Plínio S. Mendes

Publicidade:
Gilberto Cappellano



Correspondentes no
Estrangeiro:

Alvaro Sol
Argentina

Marius Guillard
Lion, França

Domenico C. Di Vietri
Roma, Itália

Ray Miess
Wisconsin, EE. Unidos

Georges Avramescu
Arad, Rumania



Redação:
Rua Avanhandava, 316
Fone: 32-0937

Administração e
Publicidade:
R. Barão Itapetininga, 93
5.º - s. 507 - Fone: 33-1636



SUMÁRIO

CAPA — Foto de José Louzada F. Camargo — FCCB

A NOTA DO MÊS	7
A FOTOGRAFIA COMO FORMA ARTÍSTICA	8
FREDERICO MORAIS	
O VÉU E SUA CORREÇÃO	12
SÉRGIO FAIELLA	
O QUE FAZ UMA BÔA FOTOGRAFIA?	16
J. L. F. CAMARGO	
DA ESCOLHA DO FILMADOR	18
LEAN LECOCQ	
CINEMA ABSTRATO	21
ROBERTO MILLER	
ORIENTANDO O AMADOR	26



ORGAO OFICIAL DO FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE

Exemplar avulso em todo o Brasil	Cr.\$ 25,00
Assinatura anual: (12 números)	Cr.\$ 250,00
sob registro	Cr.\$ 350,00

O FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE, receberá com prazer a visita de todo e qualquer aficionado da arte fotográfica, assim como responderá pelos seus Departamentos, a qualquer consulta que lhe fôr dirigida quanto às suas atividades ou sobre a prática de fotografia e cinematografia. Outrossim, recebe, sem compromisso, colaboração para o seu Boletim sendo que as opiniões expendidas em artigos assinados, correrão sempre por conta de seus autores.

Tôda correspondência deve ser dirigida para a sede social do FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE - Rua Avanhandava, 316, Fone 32-0937, São Paulo, Brasil.

Impresso na Gráfica Brescia Ltda., rua Brigadeiro Tobias, 96/102 Fone: 34-9389. Clichês: Fortuna & Cia. Ltda., rua Cons. Carrão, 265 São Paulo.

FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE

DECLARADO DE UTILIDADE PÚBLICA PELA LEI N.º 839 DE 14-11-1950

Membro da "Confederação Brasileira de Fotografia" (C. B. F.)

ALGUMAS DAS VANTAGENS QUE OFERECE:

Orientação artística e técnica mediante palestras, seminários, exposições, demonstrações e convívio com os mais destacados artistas-fotógrafos.

★

Laboratório e Studio para aprendizagem e aperfeiçoamento.
Sala de leitura e biblioteca especializada.

★

Excursões e concursos mensais entre os sócios.

★

Participação nos salões e concursos nacionais e estrangeiros.

★

Intercâmbio constante com as sociedades congêneres de todo o mundo.

★

DEPARTAMENTOS:

Fotográfico

Cinematográfico

Secção Feminina.

★

	Cr.\$
Jóia de admissão	2.000,00
Mensalidade	100,00
Anuidade (recebida somente nos meses de janeiro a março de cada ano)	1.000,00

★

Os sócios do interior e outros Estados e da Secção Feminina gozam de desconto de 50% na mensalidade.

★

REVISTA "FOTO CINE BOLETIM" MENSAL

SEDE SOCIAL (Edifício Próprio): RUA AVANHANDAVA N.º 316

FONE: 32-0937

S. PAULO, BRASIL

A Nota do Mês

A atuação benéfica da Confederação Brasileira de Fotografia já se faz sentir através de algumas iniciativas práticas de real proveito e utilidade para os clubes e para os filiados e seus associados.

Entre elas, por exemplo, a realização da BIENAL BRASILEIRA DE ARTE FOTOGRÁFICA que está destinada a se tornar a mais importante manifestação de fotografia artística no país. Não apenas porque reunirá as representações dos nossos principais clubes. Mas principalmente porque sua organização foi esquematizada de forma a proporcionar maior atividade dos clubes, especialmente os do interior do país, que são os que mais precisam de estímulo e lutam com maiores dificuldades. Com efeito, a Bienal será realizada em rodízio, na cidade do Clube que for escolhido como sede da assembléia da C.B.F. Além disso, para participar da Bienal deverão os clubes promover entre seus associados, e com a necessária antecedência, um concurso especial para a escolha dos trabalhos que os representarão no certame máximo, devendo a seleção ser feita pelo próprio Clube. Finalmente, dentre os trabalhos expostos na Bienal Brasileira serão escolhidos os 18 melhores que deverão representar o Brasil na Bienal da Federação Internacional (FIAP). — Como vemos, um esquema prático e simples, mas de grande alcance e que proporcionará certamente magníficos resultados, tanto aos clubes como à própria fotografia.

Outra importante realização é a instituição da "CARTEIRA-CREDENCIAL DE FOTO AMADOR" — que será fornecida pela Confederação aos associados dos clubes filiados, mediante requisição destes. Terão assim os amadores um documento emitido pela entidade nacional, credenciando o seu portador perante as autoridades públicas, instituições, entidades fotográficas etc., quer do país quer do estrangeiro, como um cultor desinteressado da fotografia, que dela se utiliza para fins puramente artísticos, culturais e científicos ou documentários, sem qualquer finalidade comercial.

Outras realizações ainda está programando a C.B.F., tais como a circulação entre os clubes filiados de importantes coleções de fotografias, etc., as quais serão objeto de futuros comentários.

Do que não resta dúvida, porém, é de que a Confederação está demonstrando a sua capacidade de ação e de realização de seus objetivos, tornando-se realmente a entidade que se fazia necessária para a maior união e intercâmbio entre as associações fotográficas do país.

FEVEREIRO, 1959

A fotografia como forma artística

Frederico Morais

Que a fotografia seja arte nós não temos dúvida alguma. O difícil, porém, está na sua conceituação como obra de arte. Qual é o específico fotográfico? Duas correntes divergentes, pelo menos, procuram conceituar a criação fotográfica. Ou seja, aquêles a que poderíamos chamar de repórteres fotográficos e os formais. Ainda poderíamos apontar uma linha mais recente, e com menos adeptos, os abstratos e concretos. Para os repórteres fotográficos, a corrente de maior público, a fotografia se define por três caracteres principais: oportunidade do fato, composição e subjetivação. Para êstes, então, a arte fotográfica se caracteriza fundamentalmente, pela oportunidade do fato escolhido e também angulação, enquadramento e composição. Oportunidade e composição irão dar à fotografia seu sentido humano, poético ou mesmo caricatural. A êsses, evidentemente, o elemento figurativo é essencial e, particularmente, a figura humana.

A segunda corrente é representado por aquêles que dão preferência, ainda dentro do campo figurativo, ao elemento geométrico ou a composição

puramente formal. Os adeptos desta corrente preferem os objetos, a paisagem sêca, inumana, ao humano. Procuram, inclusive, a eliminação do dado subjetivo. Nesta segunda tendência procura-se, com uma certa insistência, solucionar alguns problemas que, a meu ver, estão na órbita das artes plásticas, isto é, a composição feita num sentido mondrianêsco, chapada, sem o uso da perspectiva. Além do mais é a própria arquitetura: paredes, janelas, cantos, que fornecem os elementos preferidos por êstes artistas. Em algumas fotografias não só as composições moldam-se segundo outras já feitas em pintura, mas são procurados até mesmo efeitos de textura, é lógico, puramente ilusórios.

Contudo, estas duas correntes poderiam ser reunidas numa só, já que, no fundo, as bases de ambas, estão ainda na própria paisagem: natural ou artificial. A segunda, é claro, orienta-se quase para o abstracionismo, e sua valorização está mais na maneira como são organizados os dados no retângulo do papel e não nêles mesmos.

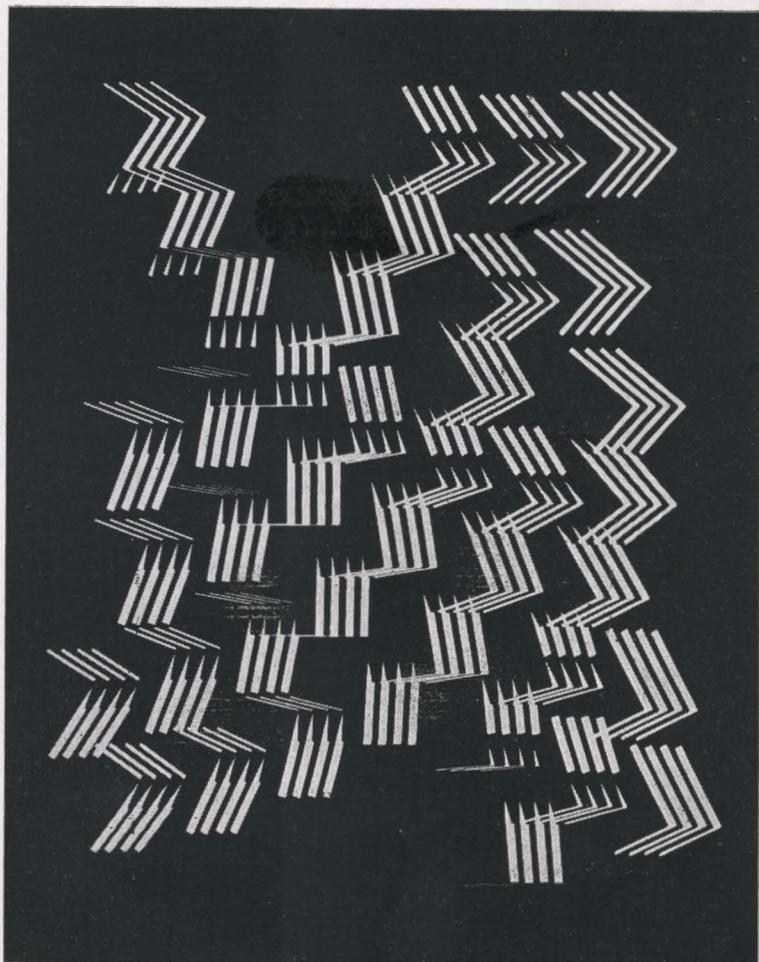
R — FREDERICO MORAIS é um jovem e acatado crítico de arte residente em Belo Horizonte. Estudioso das artes em geral, acompanha com atenção e carinho também o movimento fotográfico em nosso país, e por intermédio do nosso correspondente na capital mineira, Sr. José Reis F.º, enviou-nos o interessante estudo que aqui publicamos, o qual foi também publicado no suplemento literário e artístico do "Diário de Minas". Suas observações como que estão convidando os cultores da fotografia para um amplo e elevado debate sôbre os rumos e tendências da fotografia como arte. Com a palavra os artistas...

Já para os concretos e os abstratos a fotografia é quase que, unicamente, uma tarefa de laboratório, como aliás é a definição do próprio José Oiticica, o único concreto de que temos notícia. Os abstratos usam vários métodos de trabalho, dos quais o mais empregado é o uso de lanternas, com as quais conseguem efeitos, às vezes, surpreendentes e originais. Já os concretos, ou melhor, José Oiticica, parte de um desenho de sua própria criação e através de um jôgo de negativos e positivos desta composição inicial cria novas soluções de natureza concreta. A êste processo de trabalho dá o nome de "recriação" e para êle isto é fotografia porque "desde que eu apresente o resultado como uma cópia

fotográfica é fotografia.". A posição de Oiticica é ousada e bastante discutível, não tanto por ser êle concreto mas, principalmente, por não considerar fotografia tôdas as outras formas. Oiticica não concorda com o que chamou-se acima reportagem fotográfica — o termo não é nosso —, "que pode ser interessante, mas não é criação", e também acha que "o retângulo da cópia está praticamente esgotado de soluções".

Não sou inteiramente favorável à posição de Oiticica porque, a meu ver, o fato do artista escolher êste ou aquêle elemento figurativo, colocá-lo neste ou naquêle enquadramento, em suma, usar a visão de um modo criativo, já implica uma posição crítica, artística.

"REcriação" 1-5
José Oiticica F.º — FCCB



É lógico, e nem quis dizer o contrário, que não deve parar aí o trabalho do fotógrafo, já que no laboratório estão fontes infindáveis de criação e descobertas. E nenhum fotógrafo, cômico de sua arte, duvida disso. Aliás, a posição intransigente de Oiticica, deve-se ao fato de que vários fotógrafos, tão logo concluem a foto mandam-na para outros copiá-la. Se tal atitude fosse aceita a fotografia seria então considerada simplesmente uma questão de sorte, de acaso. Melhor fotógrafo seria aquele que estivesse sempre com a máquina à espera ao acaso, de um fato novo ainda não explorado.

Vê-se que os detensores das três correntes não dizem realmente do específico fotográfico, porque: 1) oportunidade e subjetividade poderão tornar mais interessante a fotografia, mas não a define; 2) a composição é uma imposição que se exige de qualquer arte, seja ela pintura, cinema ou fotografia; 3) os efeitos das fotografias em sua forma, não em sua apresentação, poderão ser conseguidos por outras artes, particularmente a pintura; 4) no caso da fotografia concreta, a mesma solução conseguida a partir de um desenho original poderá ser conseguida de outra forma qualquer, ou até mesmo, de outra fotografia.

Quanto ao primeiro grupo, os repórteres fotográficos, seus representantes estão ficando superados e um tanto quanto anacrônicos, porque, afinal, já não é mais possível aceitar-se os eternos pôr-do-sol, amanhecer, brumas, paisagens, rios, nus ou rostos bonitinhos. Alguns representantes desta linha apresentam trabalhos técnicos louváveis — cite-se o caso dos fotógrafos de Hong-Kong — e são até mesmo interessantes os seus "furos" fotográficos, mas estes ficariam bem melhor a serviço do cinema. O movimento no cinema, e mesmo o encadeamento nar-

rativo das fotografias no contexto geral do filme, dão-lhe novas dimensões formais ou mesmo dramáticas. O que não acontece quando isoladas, estáticas. A fotografia, para valer como arte, necessitaria apresentar, no resultado final, uma potencialidade inerente, cargas estéticas advindas de seus próprios dados.

Vê-se que não foi definida ainda a fotografia. Num outro sentido, nova polêmica existe, em torno do que vem a ser a característica fundamental da fotografia. Para alguns a fotografia define-se pelas tonalidades cinzas, isto é, as modulações, as gamas, conseguidas no laboratório. Para outros, como é o caso de Oiticica e a maioria dos representantes de São Paulo, a fotografia define-se pelo branco-e-prêto tão somente. Os que acusam os segundos dizem que o nanquim num papel branco — principalmente se for áspero — produz o mesmo efeito, e estes, defendendo-se, afirmam que "desde que ela seja copiada num papel de fotografia é fotografia".

Não há dúvida. Estamos num bêco sem saída. Oiticica tentou abrir novos caminhos com suas recriações procurando resolver não só problemas inerentes à arte fotográfica, mas às artes visuais em geral "pois é fácil ver até que ponto um negativo fotográfico contém em si, em estado potencial, um mundo de novas combinações, de novos problemas, não apenas visuais, mas estético-visuais". E, realmente, o próprio Oiticica resolveu os mesmos problemas que propôs resolver com suas fotografias nas pinturas apresentadas no último Salão Nacional. Pessoalmente prefiro, e, aliás, acho boas, suas pinturas, não tanto pela técnica em si, mas pelos problemas de tempo-espaço nelas resolvidas. As fotografias acho-as ainda bastante discutíveis.



“COMPOSIÇÃO”

Ino Alhanat — FCCB

O "VÉU" E SUA CORREÇÃO

Sérgio FAIELLA

do "Correo Fotografico Sudamericano"

Entende-se por "véu" a coloração acinzentada que, ainda que não pareça, geralmente está presente em tôdas as imagens fotográficas, positivas ou negativas, mas que é, comumente, tão leve que na prática não chega a causar prejuízos.

Suas causas podem ser várias, desde uma iluminação insuficientemente inactiva no laboratório até a conservação do material sensível em lugares inadequados. Vejamos, porém, algumas das causas principais:

- 1) a existência, na emulsão, em proporção apreciável, de sais de prata susceptíveis de se revelarem espontaneamente, mesmo sem terem sido afetados antes pela luz, (**véu químico**);
- 2) a maneira como o revelador atua sobre o material impressionado (**véu de revelação**);
- 3) a presença accidental de certas substâncias no banho revelador;
- 4) a ação do oxigênio atmosférico sobre o revelador que impregna uma superfície sensível (**véu de oxidação**).

Vamos analisar cada um desses véus, assinalando — nos casos nos quais isso é possível — a maneira de evitá-los mediante a agregação no revelador de substâncias químicas denominadas anti-véus; e em continuação, veremos como eliminar, com processos químicos, o véu já formado.

Véu químico

Em toda emulsão muito sensível há uma pequena quantidade de grãos de sais halóides de prata capazes de se revelarem espontaneamente, sem prévia intervenção da luz e isto acontece em maior ou menor quantidade, segundo a composição do revelador. Como este véu não pode ser constatado senão depois de revelado o material sensível, e como os meios que reduzem a densidade do véu químico são os mesmos que reduzem a

do véu de revelação, em geral é muito difícil diferenciá-los entre si.

Véu de revelação

Pode ter três causas: revelação demasiadamente prolongada, temperatura do banho revelador muito alta e o **pH** (x) do mesmo muito elevado.

Para cada material e cada fórmula de revelador há um certo tempo de revelação, passado o qual começa a revelação dos grãos não afetados pela luz — é quando começa a se formar o véu. Este tempo crítico de revelação é relativamente curto para as emulsões muito sensíveis mas, nelas, o véu se forma lentamente; já para as emulsões menos sensíveis, mais lentas ou de maior contraste, esse tempo é maior mas a formação do véu é mais rápida. O tempo crítico de revelação é tanto menor quanto mais alta for a temperatura do banho revelador e tanto mais largo quanto maior for a concentração de substâncias anti-véu. Para uma determinada emulsão e um determinado revelador existe uma temperatura fixa acima da qual principia a formação do véu. Quase todos os reveladores negativos ou positivos devem ser utilizados em temperaturas compreendidas entre 18 e 20°C, e apenas alguns, de composição especial e **pH** baixo, como o D-25, podem ser usados em temperaturas mais altas (24 ou 25°C).

O **pH** do banho revelador tem influência determinante sobre a formação do véu porquanto para cada banho há um valor ótimo de **pH**, com o qual a densidade do véu é mínima e do qual não se pode afastar sem correr o risco de provocar um véu mais forte.

Outros fatores podem intervir para a formação do véu de revelação, como por exemplo, a diluição do revelador, pois as

(x) NOTA DA R. — O símbolo **pH** indica a medida de acidez ou de alcalinidade de uma solução. Veja Foto-Cine n.º 105.

imagens serão sempre mais puras se reveladas em banhos com uma concentração razoável de produtos ativos e não em um banho diluído e lento. Como se verá mais adiante, a formação do véu de revelação pode ser evitada com o uso de uma substância anti-véu.

Véu por impurezas

Embora não sendo comum, ocorre às vezes que o véu se forma, sempre na revelação, pela presença no banho de certas impurezas que se introduziram acidentalmente (sais de cobre ou de estanho), ou se formaram espontaneamente.

Quando o revelador entra em contacto com recipientes ou objetos de cobre ou estanho (ou uma liga de ambos) pode acontecer que passem para a solução vestígios dos sais destes metais, provocando no material sensível, um véu denso. A influência dos sais de cobre na formação do véu é bastante atenuada quando o revelador contém uma proporção de sulfito relativamente elevada. A formação do véu resultante de tais impurezas não pode ser impedida ou reduzida pela ação dos produtos anti-véus comuns.

Pode-se formar sulfur-sódico pelo contacto de um objeto ou recipiente de alumínio com um revelador alcalino que contenha hipossulfito. Também a formação deste véu não pode ser evitada com os produtos anti-véus agregados ao banho.

Véu de oxidação

Este é um véu bastante denso que pode ser formado dentro de uma emulsão sensível quando ela, impregnada de revelador que contenha hidroquinona, ficar algum tempo fora do banho, em contacto com a atmosfera. Ocorre, por exemplo, quando para a revelação de películas em rólô se adota o método primitivo de segurar o filme pelas duas extremidades, fazendo-o passar pelo banho com movimentos alternados de translação. Para explicar a formação deste véu se formularam várias hipóteses. Fuchs em 1924 opinou que a hidroquinona emite uma luz débil durante sua oxidação e que seria essa luz que vela a camada sensível. Parecia confirmar esta hipótese o fato de que a desensibilização do material antes de revelado impede esse véu. Mas, T. H. James, em 1943, demonstrou que o véu de oxidação atmosférica não pode provir desta espécie de luminescência química, pois, se assim fôsse, a ela estariam mais sujeitas as emulsões

rápidas e não as lentas, o que não acontece; nem, tão pouco, a formação de água oxigenada durante a oxidação do agente revelador, como outros pensaram, pois a possível concentração de água oxigenada, não seria suficiente para provocar o fenômeno. Pareceu, ao contrário, que o véu em questão fôsse formado pela presença, no banho revelador, de um peróxido instável, produto intermediário da oxidação da hidroquinona. Acrescentando-se ao revelador uma substância desensibilizadora, sobretudo etilendiamina a 0.03% impede-se a formação deste véu. Por outro lado, este véu é tanto mais denso quanto mais alcalino for o banho; além disso, sua densidade, que varia com a concentração de sulfito e é máxima quando essa concentração é igual à da hidroquinona, se reforça consideravelmente com a presença no banho de sulfocianetos ou vestígios de sais de cobre. Basta uma concentração de 1mg de sal de cobre por litro de banho revelador para causar um véu bastante intenso.

Prevenção do véu

Já foi dito ao iniciar este artigo que o véu existe quase sempre nas imagens fotográficas negativas ou positivas. Deve-se acrescentar que a densidade do véu, no caso de imagens obtidas com processos normais de revelação, é tão leve que praticamente passa despercebida. Em circunstâncias anormais, a densidade do véu pode aumentar além dos limites de tolerância. Algumas destas circunstâncias não podem ser evitadas voluntariamente, senão com cuidados extremos na preparação e conservação dos banhos, sobretudo no que concerne às impurezas que podem arruinar o revelador. Em outras circunstâncias, a formação do véu pode ser prevenida: por exemplo, o véu de oxidação ou aéreo, pode ser evitado acrescentando-se ao banho revelador, etilendiamina, assim como o véu químico ou de revelação podem ser evitados ou reduzidos pondo-se no banho substâncias químicas especiais, denominadas anti-véus.

O termo anti-véu designa certas substâncias dotadas da propriedade de diminuir a velocidade de formação do véu sem reduzir (ou reduzindo em proporção mínima) a velocidade de formação da imagem fotográfica. O mais conhecido e generalizado anti-véu é o brometo de potássio. Nos primeiros tempos do processo de gelatino-brometo de prata, os reveladores deviam conter sempre uma quantidade relativamente elevada de brometo para retardar a aparição do véu

químico e de revelação. Com os progressos realizados na fabricação das emulsões a intervenção do brometo no revelador pode ser atenuada a ponto de hoje a sua proporção ser mínima e em algumas fórmulas mesmo não é empregado.

Sem embargo, o acréscimo do brometo no revelador determina, além de uma diminuição do véu, uma redução da rapidez da emulsão; em outras palavras, a revelação de uma superfície sensível em um banho brometado aproveita menos a sensibilidade do material do que resultaria num banho sem brometo. Em vista disto, buscaram-se substâncias que impedissem o véu sem prejudicar a sensibilidade das emulsões e algumas foram encontradas entre os produtos orgânicos.

Os primeiros anti-véus orgânicos descobertos foram os tioanilídios. Logo se utilizou o nitrato de 6-nitrobencimidazol, o benzotriazol, e o 5-nitroindazol. Dignos de menção também são o ácido tioglucólico e o trolactico, o paranitroazoiminobenceno e o ácido propargílico, o último dos quais, singularmente ativo nos reveladores muito alcalinos. Falaremos dos mais importantes, em seguida.

Os anti-véus

a) **Brometo de potássio** — Apresenta-se como pequenos cristais incolores ou brancos, de forma cúbica, que contém pelo menos 97% do produto puro. O brometo de potássio tem a fórmula química BrK , é muito solúvel na água (uns 60% a 15°) e é insolúvel no álcool. Tanto no estado sólido com em solução aquosa é inalterável.

A presença do brometo no revelador demora a formação do véu e, em grau sensivelmente menor, a própria formação da imagem; por conseguinte, aumenta o tempo de revelação. É o anti-véu mais difundido e quase todas as fórmulas de reveladores o contêm em pequena quantidade. A dose média é de 0,5 a 1 grama por litro de banho para os reveladores de negativos (alguns reveladores de grão fino dispensam o brometo) e entre 1 e 2 gramas para os de positivos.

O brometo em doses altas pode aumentar o véu, sobretudo em reveladores com base no ácido pirogálico.

O efeito do brometo como anti-véu, muito marcante em reveladores com base em certas substâncias como hidroquinona, glicina, ácido pirogálico e.c., é, porém,

fraco em banhos que contêm outras substâncias como metol, pirocatequina, fenidon-hidroquinona etc.

Dissemos que o brometo diminui a rapidez da emulsão. Devemos acrescentar agora que ele aumenta o contraste das imagens fotográficas.

O fato de que todas as emulsões sensíveis sejam estabilizadas com o brometo de potássio, que por sua parte cede o banho durante a revelação (salvo se são lavadas e submetidas a tratamento especial antes da revelação) e a formação de brometos solúveis na redução do brometo de prata, dão lugar a que um revelador usado contenha sempre brometo em concentração superior à inicial, além de uma leve concentração de iodetos de sódio proveniente da redução de uma pequena quantidade de iodeto de prata também presente na emulsão; este iodeto atua sobre o brometo de prata ainda não revelado e o transforma superficialmente em iodeto de prata, mais resistente ao véu. Explica-se assim que um revelador usado cause menos véu do que um revelador novo, mesmo quando este contém um pouco mais de brometo do que o outro.

b) **anti-véus orgânicos** — Nos referimos somente ao benzotriazol e ao nitrato de nitrobencimidazol que são os anti-véus desta categoria mais usados. Característica de ambos é a de reduzir a rapidez das emulsões em menor grau do que o brometo e não influir no contraste das imagens. Por conseguinte, estas substâncias podem substituir o brometo com vantagem.

O benzotriazol apresenta-se na forma de agulhas incolores ou brancas. É solúvel em álcool e menos solúvel na água. Um efeito similar ao do 0,5 g de brometo de potássio se obtém com 0,03 de benzotriazol. Dadas as quantidades mínimas empregadas, o benzotriazol se emprega na forma de solução diluída (a 0,2%, ou seja que 15 cm^3 desta solução, contém 0,03 de benzotriazol). É necessário ter presente que a dissolução em água, ainda que morna, se faz muito lentamente e pode requerer até 24 horas.

O nitrato de 6-nitrobencimidazol se apresenta como agulhas microscópicas. É pouco solúvel tanto na água como no álcool. Emprega-se da mesma maneira que o benzotriazol.

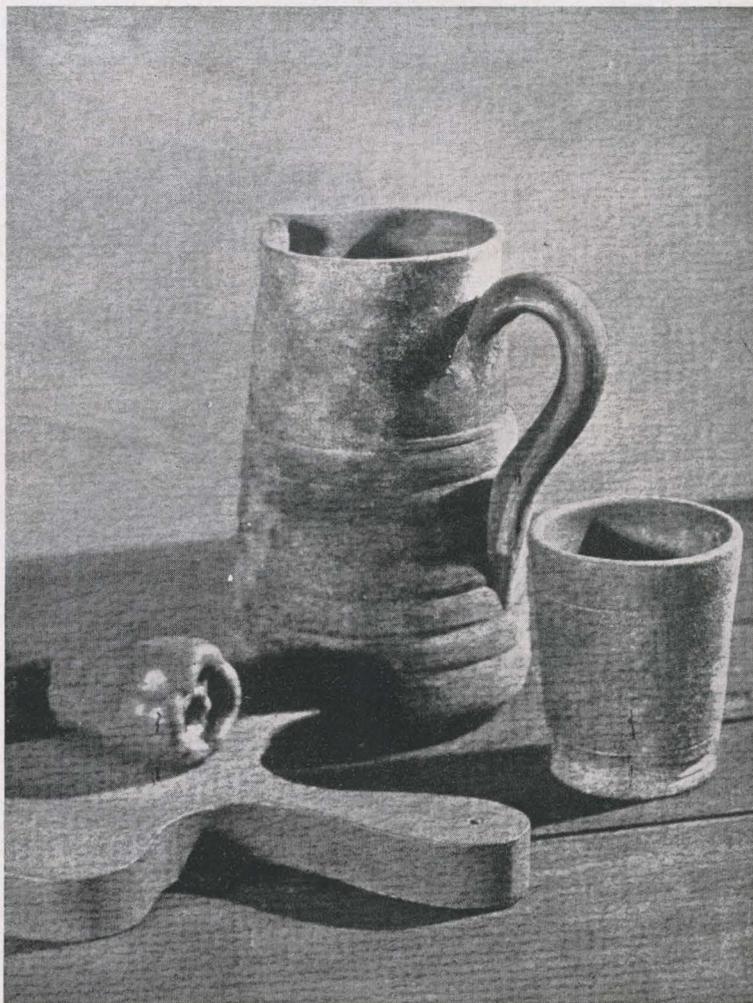
c) **citratos e tartratos** — Os citratos e os tartratos, acrescentados ao revelador,

determinam uma diminuição da rapidez e um efeito anti-véu comparável, de certa forma, ao brometo. Pode-se aqui acrescentar que contrariamente a uma opinião muito generalizada, os cloretos não possuem em caso algum qualquer concentração, a ação anti-véu dos brometos.

Eliminação do véu

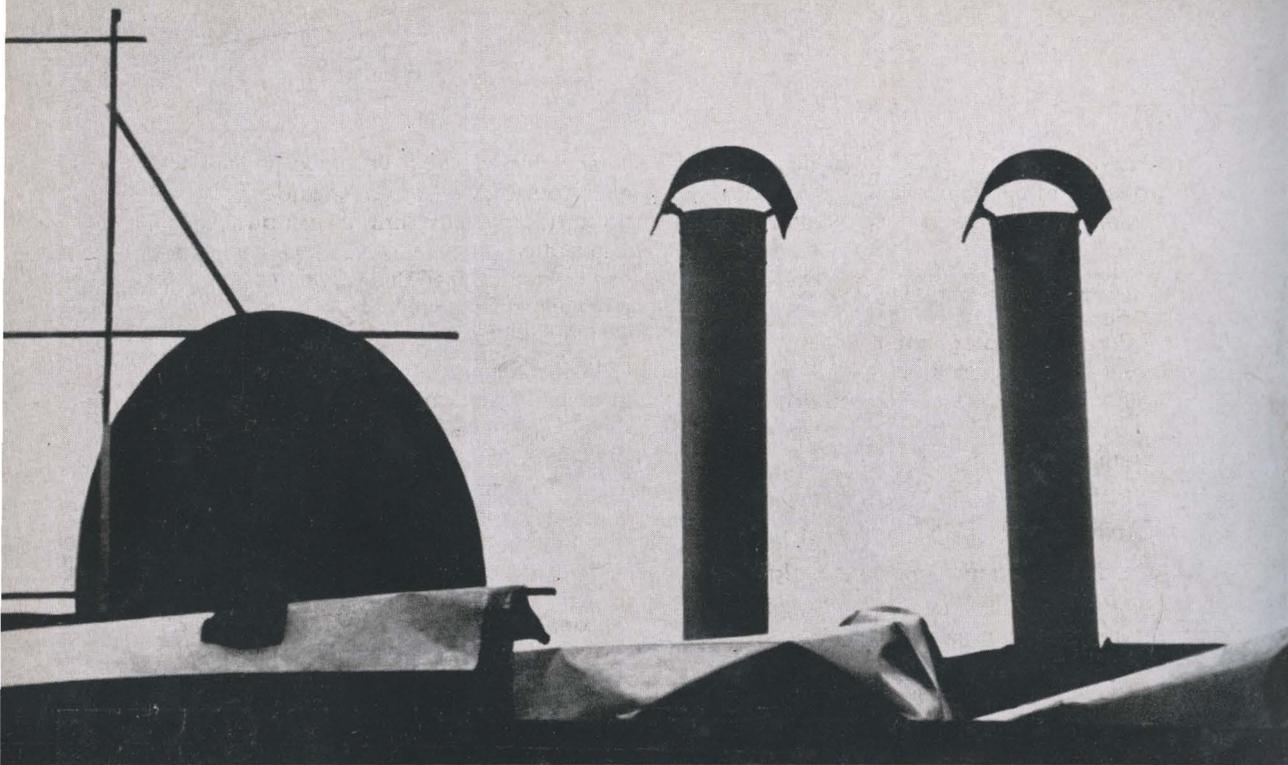
Ainda que as cópias em papel velado dificilmente podem ser melhoradas com processos químicos, os negativos afetados

pelo véu podem ser corrigidos para a cópia em contacto ou para ampliação, submetendo-os a um processo de redução superficial, como o que se obtém com o banho de Farmer, que os clareará notavelmente. A forma de obter esta redução é conhecida e, em todo o caso, recomendamos consultar o capítulo respectivo no "Formulário Fotográfico" de Alejandro C. Del Conte, no qual se encontrarão as indicações precisas e abundância de fórmulas.



**"COMPOSIÇÃO COM
QUATRO ELEMENTOS"**

Otávio Pini - FCCB



“CHAMINÉS”

Nelson Peterlini — FCCB

O que faz uma boa fotografia?

J. L. F. Camargo - FCCB

Muito raramente se observa identidade de pontos de vista entre os um júri de seleção de fotografias. É até comum registrarem-se opiniões antagônicas, encontrando julgadores grandes virtudes num trabalho, enquanto outros nêle não vêem maiores méritôs.

No Foto-cine Clube Bandeirante, onde há muitos anos, todos os meses, se faz em público o julgamento de fotografias dos concursos internos, os julgadores devendo fazer a crítica do trabalho, justificando o seu voto, essas divergências de opinião não são ra-

ras e dão origem, depois do julgamento, a interessantes e apaixonadas discussões.

Na verdade, todos têm uma opinião própria, uma crítica, uma sugestão, principalmente a propósito do trabalho alheio. Nem vale a pena repetir o que todo o mundo sabe: que em matéria de crítica de arte não há, nem pode haver, normas rígidas, medidas ou o que fôr que permita aferir a qualidade de um trabalho segundo um padrão pré-determinado.

Será que alguém sabe realmente o que faz um bom trabalho fotográfico?

Existirão, porventura, fórmulas que observadas rigorosamente, produzirão com tóda certeza um trabalho artístico?

Sôbre o assunto encontramos, no número de fevereiro de 1956, do **"Popular Photography"** uma enquête entre renomados fotógrafos, críticos de arte e editores. Pareceu-nos interessante divulgar essas opiniões, pois são sem dúvida instrutivas. Eis algumas delas:

ANSEL ADAMS, fotógrafo:

"A obrigação principal: clareza.

Para mim, uma boa fotografia é aquela que mostra integridade expressiva e interpretativa; em que o assunto é tratado com gôsto e compreensão. O bom trabalho deve apresentar técnica apropriada e sensibilidade de visão. A obrigação de clareza é a mais importante; embora esta clareza seja mais da mente e do coração do que ótica ou de perfeição do material empregado. Os fotógrafos podem não ser verdadeiros, mas a fotografia nunca mente."

ALEXEY BRODOVITCH — Diretor artístico do "Harper's Bajar":

"Deve ter o impacto de um enrêdo, de novidade, de choque."

Uma fotografia que produz um efeito emocional; que estimula a imaginação; uma fotografia que não se pode esquecer, da qual se gosta por alguma razão, que irrita: uma fotografia que produz impacto pelo seu enrêdo, pela novidade, originalidade ou choque... Essas reações muito pessoais são produzidas pelo assunto, composição, qualidade da cópia — mas, às vêzes, o oposto é a chave, quando êsses princípios ortodoxos estão ausentes, seja intencionalmente, ou por êrro... É isso — creio — que faz uma boa fotografia."

ANTON BRUEHL — fotógrafo:

"O assunto é de primeira importância."

Acredito que o assunto é de primeira importância numa grande fotografia, mas acredito também na qualidade fotográfica. Creio que uma boa fotografia deve fazer uso dessa qualidade inerente que nenhum outro meio tem de reproduzir, com todo o detalhe e beleza, o assunto escolhido pelo fotógrafo... Não me parece necessário deslocar, mover a câmara durante a exposição, ou usar de artifício de revelação ou ampliação para injetar interesse na fotografia."

HENRI CARTIER-BRESSON — fotógrafo:

"Deve haver harmonia entre assunto e forma."

Perguntam-me o que faz uma boa fotografia. Para mim é a harmonia entre assunto e forma que conduz cada um desses elementos ao máximo de expressão e rigor."

SEY CHASSLER — editor de "Pageant":

"Deve ter pêso e produzir seu próprio impacto."

O impacto faz uma boa fotografia; não ação-impacto, mas uma impressão visual que atinge o observador. Pode atingir o que quer que seja, desde a raiva até a ternura, ou a vontade de aprender ou de obter uma informação. É preciso que, entretanto, seja clara. Não deve contêr símbolos conhecidos apenas pelo autor. Não deve chegar até o nível de sutileza a ponto de necessitar de uma explicação do fotógrafo. Pode ser abstrata como um círculo ou detalhada como um dicionário, mas deve dar algo de si mesma. Uma boa fotografia dispensa os críticos, artistas, jornalistas ou filósofos para a explicarem. Deve suportar seu próprio pêso e produzir o seu próprio impacto."

No próximo número veremos mais algumas opiniões. Será que chegaremos a alguma conclusão?

Minha contribuição ao cinema amador

Jean LECOCQ - FCCB

II. Da escolha do filmador.

O primeiro problema que se apresenta ao nosso futuro cineasta é a aquisição do seu filmador. Qual será o formato que êle escolherá: 8 mm ou 16 mm? Para o amador que deseja apenas de sua câmara uma recordação de suas viagens, de suas férias, de festas familiares, o formato de 8 mm é altamente aconselhável. O filmador é de pêsso muito reduzido, portanto de transporte fácil; os filmes também mais leves, o projetor de preço mais acessível, lhe proporciona em seu lar, os prazeres que êle esperava e tudo a preço muito mais barato.

Na Europa, naturalmente numa proporção muito mais razoável, os preços do material cinematográfico sofreram um aumento sensível, o que se deduz pela nova orientação dos fabricantes de procurar dar ao formato de 8 mm o máximo de rendimento, por meio de inovações introduzidas nos filmadores e projetores. Muitas câmaras de 8 mm possuem as vantagens que há pouco só se encontravam nas de 16 mm. A última novidade foi o aparecimento de uma câmara de 8 mm de fabricação

francesa, cuja objetiva é regulada automaticamente por um fotômetro embutido. A sonorização dos filmes de 8 mm por meio de uma fita magnética em gravador separado era possível, como é para o de 16 mm; todavia encontraram um meio de sincronizar com uma ligação adequada entre o projetor e o gravador as suas velocidades o que permite assim uma sonorização perfeita. Não resta dúvida que aí não pararão as inovações no sentido de melhorar sempre o cinema de 8 mm, que parece ser na Europa o mais preferido pelo grande público.

Agora, aquêle que deseja um pouco mais do cinema, o amador mais exigente, não há dúvida que, apesar de todos êstes aperfeiçoamentos dos filmadores de 8 mm, êle dará a sua preferência ao formato de 16 mm. Por quê? O filme de 16 mm dá um rendimento superior, quanto à fotografia. Proporciona muito mais possibilidades: pode ser sonorizado, permite u'a maior divulgação pelas facilidades de projeção. O filmador de 16 mm, por sua vez, em seus tipos mais aperfeiçoados

possue todos os requisitos dos aparelhos profissionais: marcha-ré, fotografia de imagem por imagem, fusões, etc. O seu pêso é maior, não há dúvida. E mais, a boa filmagem requer o uso do tripé, portanto mais pêso; mas o verdadeiro amador não recua. Ele quer o máximo de sua câmara e não mede sacrifícios para conseguí-lo.

O projetor de 16 mm possui quase todos os melhoramentos dos grandes aparelhos: projeção em salões amplos,

com uma lâmpada de 1.000 watts, consegue-se ótimos resultados. Exibições de filmes sonoros, o que torna assim mais vasta a realização dos seus desejos: produzir e projetar.

Eis aí, em poucas linhas, as vantagens e as desvantagens das duas bitolas. Mas não se esqueça que não existe um problema de formatos, mas sim uma diversidade de amadores. Cada um procura o caminho que lhe proporcione maiores satisfações.

NOTÍCIAS LOCAIS

1. No dia 16 de fevereiro foi projetado na sede do Foto-Cine Clube Bandeirante o filme "Correspondente Estrangeiro" com Joel Mc. Crea, George Sanders, Herbert Marshall. Direção de W. Wanger. O filme, de grandes lances dramáticos, manteve a assistência num permanente suspense e agradou plenamente. Esperamos todavia que os associados incentivem com a sua presença esta nova iniciativa bandeirante.
2. Há poucos dias deparamos no noticiário dos jornais a apreensão de filmes documentários que estavam sendo exibidos nas salas desta capital, e que não somente não possuíam a licença da Censura bem como apresentavam uma propaganda sem disfarce algum de um político em evidência, e outros aspectos tipicamente comerciais, isto em plena transgressão à lei. Não desejando de forma alguma comentar este assunto, aproveitaremos apenas a oportunidade para lastimar que os nossos documentaristas profissionais apresentem filmes de reportagens de um nível tão baixo. Francamente, uma estadia no Foto-Cine Clube Bandeirante não lhes faria mal...

DO MEU CANTO

1. *Estão aparecendo novos cineastas. Fotógrafo amador de muito renome, já produziu filmes. Oriundo do interior, transferiu-se para esta capital e prometeu cooperar. Aguardo.*
2. *Esta história dos filmes documentários que foram suspensos pela Censura está gozada. O produtor tinha recebido há poucos dias, o Grande Prêmio... da Prefeitura. Pudera!*
3. *Não, o dia de segunda-feira não é apropriado para exibição de filmes. Os bandeirantes estão cansados. Na quinta-feira, já estão com saudades do Clube e aparecem. Sim, só assim posso contar com eles, porque circulares... ora as circulares!*
4. *Estou com vontade de fazer uma nova exibição dos nossos melhores filmes amadores especialmente dedicada aos nossos documentaristas profissionais e repórteres das nossas estações de televisão. Que tal?*

JOTAEAL

NOTÍCIAS DO ESTRANGEIRO

1. Pela leitura das revistas especializadas chega-se à conclusão que o resultado do último Concurso da Union Internationale du Cinema Amateur (UNICA), na qual o F.C.C. Bandeirante representa o Brasil, descontentou muita gente. Diversos filmes franceses que concorreram com grande brilho ao "Concours Général Officiel des Meilleurs Films Amateurs" realizado em Mulhouse, ao que parece a prova máxima do cinema amador francês, tiveram uma colocação mais do que secundária.

Este fato causou bastante descontentamento ao ponto de se perguntar se o júri da UNICA era competente?

2. Aliás, já se aventou que o critério para a formação do júri dos Concursos da UNICA apresentava falhas. O regulamento da UNICA estipula que cada país concorrente, com a devida antecedência, nomeie o seu representante para fazer parte do júri. Mas... conforme diversos interessados já indagaram pela imprensa: estes delegados terão competência para estas funções? Julgamos que deveria haver muito mais rigor e muito maior seleção dos juízes. As reclamações sobre os resultados não são de hoje. A UNICA, que já está perdendo bastante do seu prestígio, não só devido aos seus congressos, muito burocráticos, mas também com a concorrência dos festivais de Carcassonne, Rapallo, Cannes e outros, precisa dar e com urgência uma nova orientação à sua administração e aos seus concursos, se não quiser perecer, o que aliás um congressista mais corajoso vaticinou na sua última reunião em Bad-Ems.

3. A "Minha Contribuição" já estava escrita quando recebi a notícia de que a Paillard tinha lançado no mercado a sua câmara BSL, possuindo também um fotômetro embutido entre a objetiva e a película, com as mesmas características da câmara de fabricação francesa aparecida um pouco antes.



AHI QUERIDO! ATÉ QUE ENFIM
VOCÊ ME LEVA PARA VER SEU
"QUARTO ESCURO"!

DOIS MILHÕES DE FOTÓGRAFOS ESTIVERAM NA EXPOSIÇÃO DE BRUXELAS

A Exposição Internacional de Bruxelas foi um verdadeiro paraíso para os fotógrafos, havendo atraído cerca de 2 milhões durante os seis meses em que se constituiu no "Maior Espetáculo da Terra".

Dos 15 milhões de pessoas que visitaram a exposição, uma em sete levava uma câmara fotográfica, batendo no mínimo seis rolos de filmes. Segundo Adrian Ter Louw, do grupo Kodak, alguns mais entusiasmados chegaram a bater 30. Calculam que uns 12 milhões de filmes foram batidos na exposição, durante os seis meses em que ela funcionou.

O recinto mais fotografado foi o Reception Hall Gateway, por sua posição privilegiada e vista panorâmica, que abrange jardins, fontes, o mastro de honra e as 9 esferas do Atomium, símbolo da exposição. O Benelux Gateway e o Pavilhão da Tailândia, todo vermelho e dourado, também atraíram bastante os que gostam de fotografar.

O Pavilhão da Kodak não vendeu um só rolo de filme, mas forneceu em diversas línguas o maior número de informações possível a todos os interessados, sobre qualquer tipo de câmara. Com os seus 150 pés de vidro e alumínio, o Pavilhão Kodak era o único recinto em toda a exposição colocado ao serviço da fotografia e dos fotógrafos que ali se reuniam para trocar idéias e obter esclarecimentos.



CINEMA ABSTRATO

Roberto Miller - FCCB

Quando em 1950 vi alguns filmes de **Norman Mc Laren** fiquei vivamente interessado pela obra dêsse artista que se encontra radicado no Canadá. Posteriormente travando contacto com o famoso cineasta mostrei interêsse em seguir sua escola. O meu conhecimento até então era simplesmente do clássico "CARTOON" da escola de Disney. A obra de Mc Laren mostrou-me outros horizontes no campo do desenho animado. Embora reconheça hoje o enorme valor do "Cartoon" moderno explorado pela UPA e pelo próprio Disney, não posso deixar de afirmar que Mc Laren inovou o "**animado**" criando o que de mais puro possa existir no campo do cinema abstrato.

Mc Laren além de ser famoso artista e premiado em todo o mundo, é um ótimo professor. A princípio ficou surpreso ao saber que no "Brasil" existia alguém que quisesse se aventurar nesse difícil terreno. De fato a caminhada foi árdua. A princípio não encontrava ambiente para expor meus estudos e não fôsse ao Foto Cine Clube Bandeirante que me deu todo apoio possível, teria desistido no comêço.

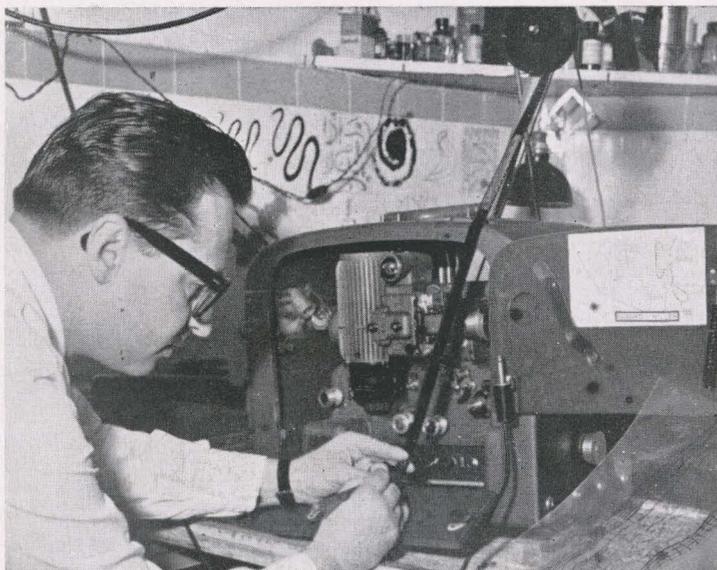
Minha primeira aventura no cinema abstrato foi um desenho denominado "RUMBA"; êsse pequeno filme foi apreciado pelos membros da diretoria do FCCB que o enviaram a Cannes e Lisboa, êste último para o concurso da



Esbôço de um desenho a ser posteriormente aplicado ao filme.

ÚNICA. Além dêsse apoio, o Museu de Arte Moderna aceitou para o ciclo de "10 Anos de Filmes de Arte", um ensaio que produzi sôbre som sintético. Essa experiência foi feita em 16 mm., com o som gravado na própria película, com auxílio de um estilete. Em seguida, realizei mais alguns filmes abstratos, entre os quais "SOUND ABSTRACT" que representou o Brasil no Festival Internacional de Filmes Experimentais. Êsse filme foi feito à base de desenhos abstratos, combinados com sons também abstratos, pintados na própria película, com tintas a côres. Tive o grato prazer em receber da comissão de Bruxellas uma medalha de bronze.

O último filme que produzi chama-se "BOOGUI WOOGUI", filme êsse que irá concorrer aos próximos concursos

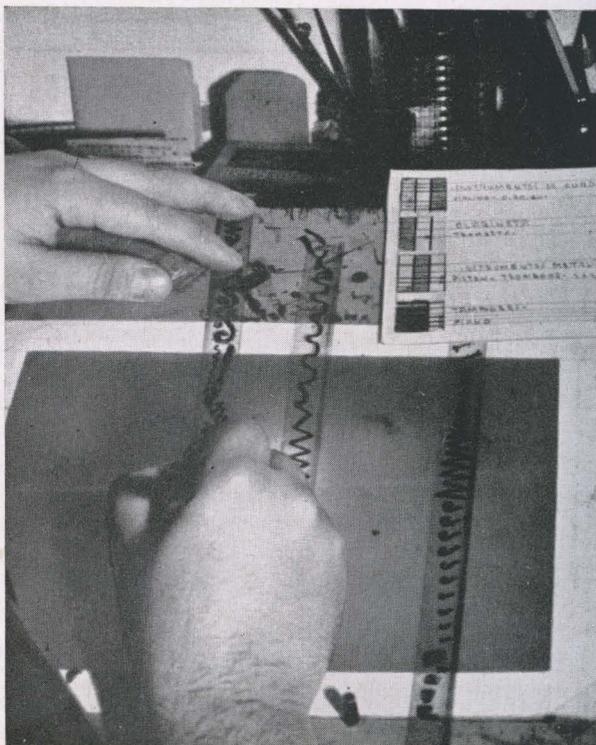


R. Miller trabalhando na marcação do som já gravado no filme — trabalho preliminar para obter o necessário sincronismo com o desenho a ser posteriormente aplicado à película.

internacionais amadores. Esse filme, foi feito na base da escola de Mc Laren e com emprêgo de tintas e materiais que consegui descobrir após inúmeras tentativas frustradas. O emprêgo de tintas para desenhos no próprio celulóide é muito complexo, sendo que muitas vêzes, a própria temperatura do ambiente estraga todo um serviço já começado. As tintas que melhores resultados dão são as plásticas, 'difíceis de se obter no Brasil'.

Embora o cinema abstrato ainda não consiga amplo campo de divulgação, é visto com bons olhos pela crítica brasileira e foi com grande alegria e emoção que recebi o prêmio "SACY" de cinema oferecido pelo jornal "O Estado de São Paulo", que para isso, nomeia uma comissão julgadora composta de elementos altamente conhecedores da cinematografia. Essa alegria compensou todo o trabalho árduo que é a luta travada em prol do cinema experimental.

Outra fase da execução do filme abstrato — o desenho é aplicado diretamente sôbre a película.





Medalha obtida no Festival de Cinema Amador de Cannes, 1957, com "RUMBA".



Medalha conquistada em Bruxelas — "Festival de Cinema Experimental", 1958, com "SOUND ABSTRACT".

O filme abstrato obedece tôdas as normas do "cartoon", sendo que sempre surjem inúmeros contratempos. Para terminar o meu filme "BOOGUI WOOGUI" foram necessários cêrca de 5.000 desenhos e riscos abstratos, 50 tipos de tintas de diversas marcas, 5 tubos de anilinas em pó e 5 vidros de tinta nankin. O filme foi inteiramente realizado sem auxílio de câmara e pintado diretamente sôbre o celulóide virgem, seguindo os desenhos os impulsos sonoros da pista de som.

Atualmente a minha preocupação consiste em realizar algo com música de Jazz, que possa aproveitar músicos brasileiros, verdadeiros conhecedores dessa música, aproveitando assim a parte sonora cem por cento feita exclusivamente para os desenhos. Meu

primeiro convite será feito ao "DICK FARNEY TRIO", mundialmente conhecido e um dos maiores pianistas de Jazz, o que, sem dúvida, dará maior movimento e riqueza ao desenho abstrato. No cinema abstrato o movimento tanto sonoro como visual, ainda é o melhor campo para novas explorações.

Roberto Miller, não obstante ser "amador", conquistou em 1957 um excepcional "SACY" — o cobiçado troféu que o jornal "O Estado de S. Paulo" confere, todos os anos, aos melhores filmes, artistas, diretores, etc., do nosso cinema profissional. — Na foto, o momento em que recebia o "Sacy", na cerimônia realizada em maio de 1958.





“RUMO A IGREJA”

Marseau Franco — FCCB

A PRIMEIRA MAQUINA CAIXÃO

Em 1888, George Eastman, inventor norte-americano, apresentou a primeira máquina fotográfica caixaão. A máquina original de Eastman era uma caixa preta e oblonga que tirava pequenas fotografias redondas, de 6,35 cm de diâmetro, a qual denominou KODAK, um nome de fantasia por êle inventado após longa busca; um nome curto e que pode ser pronunciado em qualquer língua. Usando a primeira Kodak, o fotógrafo conseguia uma exposição puxando um cordão que fixava o obturador e depois imprimindo um botão que o soltava. A máquina era vendida com filme suficiente para tirar 100 fotografias. Quando acabava o filme a máquina era devolvida à fábrica Eastman, em Rochester, Nova Iorque, (que está comemorando o seu 70.º aniversário) onde o filme era revelado e feitas as cópias.

“VOCÊ APERTA O BOTÃO, NÓS FAREMOS O RESTO” foi o “slogan” que iniciou a era da fotografia, a qual, então, se popularizou extraordinariamente.

No clichê ao lado, a reprodução de um anúncio da Kodak, no “British Journal Almanac” de 1889.

THE BRITISH JOURNAL ALMANAC ADVERTISEMENTS. 731

THE KODAK

Is the smallest, lightest, and simplest for the ten operations necessary with we have ONLY THREE SIMPLE MOVEMENTS. of all Detective Cameras—most Cameras of this class No FOCUSING. No FINDER REQUIRED. Size 3½ by 3½ by 6½ inches. Weight 35 ounces. Makes 100 Exposures.

Setting the Shutter. Exposing. Winding more Film. Removing the Roller Slide. Cutting off Exposure. Drawing off Exposed Films. Developing 12 at once. Cutting off Exposures. Drawing off Exposed Films. Developing 12 at once.

FULL INFORMATION FURNISHED BY THE
EASTMAN DRY PLATE & FILM CO., 115, Oxford Street, London, W.
FACTORY: ROCHESTER, N.Y., U.S.A.
[See following pages]

CURIOSIDADES...

Pela primeira vez desde a sua longa existência, a famosa “ROYAL PHOTOGRAPHIC SOCIETY” da Inglaterra, fundada em 1853, tem como presidente uma mulher. Trata-se de MISS MARGARET F. HACKER, prestigiosa fotógrafa, especializada em fotografias arquitetônicas e cuja recente exposição

realizada na última Photokina, chamou a atenção de críticos e artistas em geral.

Apenas 23 anos depois de anunciada a descoberta da fotografia, em 22 de fevereiro de 1862, já a VOIGTLANDER comemorava a produção de sua décima-milésima (10.000) objetiva!

ORIENTANDO O AMADOR

(Nesta página atenderemos a qualquer consulta que nos for formulada com relação à teoria e prática da fotografia e do cinema. Se tiver qualquer dúvida ou quiser uma orientação acertada escreva-nos; os mais renomados técnicos e artistas da objetiva o atenderão).

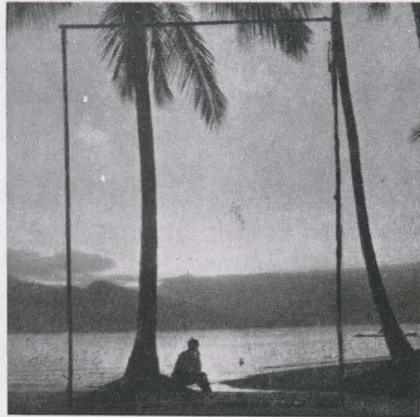
E. V. L. — SÃO PAULO — A melhor maneira para **evitar a formação de fungos ou bolor nos diapositivos** — (as formações arvorescentes que você menciona) — é guardá-los em lugar bem seco. Quando não dispomos de um lugar assim o mais conveniente é usar uma caixa bem fechada, dentro da qual colocaremos também alguma substância desidradante, como por exemplo, o cloreto de cálcio, ou algum silicato, os quais devem ser renovadas de tempo em tempo, isto é, quando se idratarem. Não há como eliminar o bolor que já atacou a gelatina. Entretanto, você poderá impedir que ele se alastre, mergulhando o diapositivo em álcool de 95°, o qual, pela desidratação, mata o bolor. Nunca lave o diapositivo com água, pois isto longe de matar o bolor favorece ainda mais o seu crescimento.

ANTONIO J. — SALVADOR — Várias são as fórmulas que você poderá adotar para a **limpeza das cuvetas ou banheiras**, utilizadas no laboratório. Uma delas é, p. ex., a **Kodak TC-1**:

Água 1 litro
Bicromato de potássio .. 090 gramas
Ácido Sulfúrico 96 cc.

Primeiramente dissolve-se o bicromato na água e depois adiciona-se o ácido sulfúrico lentamente, agitando sempre a solução. Note-se que é o ácido que deve ser levado à solução e não esta ao ácido, pois se a solução for derramada no ácido este ferverá violentamente, salpicando o rosto e as mãos, produzindo graves queimaduras.

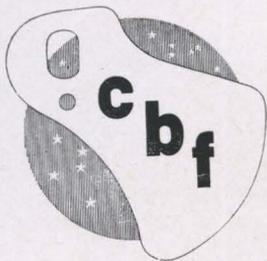
Preparada a solução, deita-se uma pequena quantidade na cuveta e faz-se com que ela beneficie e limpe toda a sua superfície. Depois, procede-se a uma acurada lavagem em água corrente, — 6 a 8 vezes — até que desapareça totalmente qualquer vestígio da solução limpadora.



A. S. — SÃO PAULO — A fotografia em contra-luz não necessita de filtros, a não ser quando se procuram efeitos especiais.

A foto que nos enviou e que reproduzimos acima, (filme Veri-Pan da Kodak, Objg. Tessar 1:2,8, 1/100 com f:8), é um bom exemplo do que vimos de afirmar. É uma boa fotografia, bem enquadrada a silhueta humana, de modo a não incidir a cabeça com a linha do horizonte, erro no qual geralmente incorre o principiante. Ao fazer a ampliação, convém eliminar o tronco de palmeira à direita, conforme o “corte” que aconselhamos (traçado sobre a foto). Note como a cena ganhará maior profundidade, isto é, efeito de perspectiva!

●
O Sorocaba Foto Clube — a mais nova entidade fotográfica brasileira, já está organizando a sua primeira exposição, da qual deverão participar os sócios da novel agremiação. Dado o entusiasmo renante e a seriedade de trabalho dos propugnadores da entidade caçula, temos certeza de que muito breve, estará a mesma se lançando à grandes realizações.



Confederação Brasileira de Fotografia

Representante do Brasil na "Federation Internationale De L'Art Photographique (FIAP)

Séde Administrativa: Rua Avanhandava, 316 - São Paulo - Brasil

Confederação Brasileira de Fotografia
Membro da Federação Internacional de Arte Fotográfica
Sede Administrativa: Rua Avanhandava, 316 - São Paulo

CARTEIRA NACIONAL DE FOTO-AMADOR

Nome: _____
Profissão: _____
Endereço: _____

O Presidente da C. B. F. _____

Confederação Brasileira de Fotografia
Membro da Federação Internacional de Arte Fotográfica

VALIDA PARA O ANO DE _____

O portador da presente carteira é socio d _____
(nome da associação a que está filiado)

filiação a esta Confederação sob n.º _____

(assinatura do portador) _____ (ass. do Presidente da associação filiada)

NA SUA QUALIDADE DE AMADOR, PRÁTICA A FOTOGRAFIA PARA FINS PURAMENTE ARTÍSTICOS, CULTURAIS OU DOCUMENTÁRIOS, SEM NENHUMA FINALIDADE COMERCIAL.
A Confederação Brasileira de Fotografia recomenda-o à boa atenção das autoridades.

Fac-simile da "Carteira Nacional de Foto Amador" que a C.B.F. está distribuindo aos associados dos clubes filiados.

CARTEIRA NACIONAL DE FOTO AMADOR

A C.B.F. já está fornecendo aos associados dos clubes filiados, a carteira de identificação da sua qualidade de amador de fotografia, com a finalidade de assim credenciá-los junto às autoridades públicas, entidades, instituições, etc., enfim, atestando a quem fôr necessário, que a sua atividade fotográfica é exercida para fins puramente artísticos, culturais ou documentários, sem finalidade comercial.

Trata-se, como se vê, de utilíssimo serviço que a C.B.F. presta aos amadores do país, pois não raro o exercício da sua arte é obstado pela incompreensão ou desconfiança de algumas pessoas, o que, certamente, não mais acontecerá ante a exibição da carteira credencial fornecida pela C.B.F.

Os interessados em obtê-la deverão dirigir-se aos respectivos clubes, juntando 2 fotografias suas, 3x4, a fim de o pedido ser encaminhado à secretaria da C.B.F., eis que as carteiras somente serão fornecidas através solicitação do clube filiado.

EXPOSIÇÕES CIRCULANTES

A C.B.F., já tem à disposição dos clubes filiados, duas magníficas coleções de fotografias, uma do famoso "GRUPO FOTOFORM" de OTTO STEINERT e seus alunos, do Sarre, o criador da fotografia "subjativa", e outra, da não menos famosa "CARPETA DE LOS DIEZ", de Buenos Aires, que reúne Annemarie Heinrich, Alex

Klein, Juan di Sandro, e outros conhecidos artistas fotógrafos argentinos.

A fim de ser organizado o circuito de ambas as exposições, os clubes interessados deverão dirigir-se com urgência ao Diretor de Intercâmbio Internacional da C.B.F. — Dr. José Oiticica F.º.

COMUNICADO DA FIAP

A "Federação Internacional de Arte Fotográfica" (FIAP), junto à qual a C.B.F. representa o Brasil, vem de ser reconhecida oficialmente pela UNESCO. Não precisamos salientar as vantagens que desse evento resultarão para a entidade máxima da fotografia internacional, assim como às federações nacionais a ela filiadas e aos respectivos clubes integrantes.

NOVAS DIPETORIAS

O Foto Clube do Paraná, renovou sua diretoria para o exercício de fevereiro 1959 a janeiro 1960, a qual ficou assim constituída:

Presidente — Dr. Ruy Arzua Pereira; Vice-Pres., Dr. Evando P. Munhoz; 1.º Secr., Cap. Francisco Ricardo F.º; 2.º Secr., Dr. Oldemar Albini; 1.º Tes., Dr. Ely de A. Germano; 2.º Tes., Archelau Braga de Oliveira; Orador, Cap. Francisco Ricardo F.º; Dir. Social e de Patrimônio, Dr. Luís F. de Andrade; Dir. Fotográfico, Nelson N. Samways; 1.º Bibl., Célio Mafra; 2.º Bibl., Eloy A. Cardoso e Dir. de Excursões e Publicidade, Dr. Luís C. G. de Mattos.

A nova Diretoria, nossos votos de próspera e feliz gestão.

NOTÍCIAS DO



foto-cine clube bandeirante

Correspondente no Brasil do "Centre International de la Photographie Fixe et Animée (CIP)" — Representante do Brasil na "Union Internationale du Cinema d'Amateur (UNICA)" — Membro da "Confederação Brasileira de Fotografia (CBF)".

CONCURSOS INTERNOS

O TEMÁRIO PARA 1959

Pela diretoria foi aprovado o seguinte temário para os concursos internos deste ano de 1959:

janeiro	—	tema livre.
fevereiro	—	mercados ou feiras-livres.
março	—	tema livre.
abril	—	frutas ou legumes (formas).
maio	—	tema livre.
junho	—	paisagem brasileira.
julho	—	tema livre.
agosto	—	reflexos sobre vidros ou metais.
setembro)	não	haverá concursos, em
outubro)	—	virtude dos preparativos e realização do Salão Internacional de Arte Fotográfica.
novembro	—	tema livre.
dezembro	—	maternidade.

OBS.: — Os temas acima são tanto para os concursos em branco-e-prêto como para os concursos em côr.

EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA

Integrando o programa comemorativo do 20.º aniversário do FCCB, que transcorrerá em abril próximo, o clube fará realizar brevemente, uma exposição retrospectiva de trabalhos de seus associados, com o objetivo de demonstrar o progresso da arte fotográfica paulistana desde a fundação do clube, em 1939, até os nossos dias.

Os associados do clube são solicitados, portanto, com empenho, a entregarem ao Sr. Diretor de Concursos Internos, os seus trabalhos que tenham sido classificados desde os primeiros concursos internos e salões promovidos pelo clube, até os mais recentes.

CURSO DE ILUMINAÇÃO

Já estão abertas as inscrições para a formação de nova turma do "Curso de Iluminação em estúdio", o qual é ministrado pelo Sr. Tufy Kanji, Diretor dessa dependência do Clube. O curso é reservado unicamente aos associados do FCCB ou clubes congêneres, devendo os interessados se dirigir à secretaria do clube.

SESSÕES DE CINEMA

O Dept. Cinematográfico do Clube está promovendo sessões cinematográficas com importantes filmes de longa metragem, os quais são anunciados com antecedência pela circular mensal. Assim, já foram exibidos "Correspondente Estrangeiro" e "O Demônio da Noite", estando programados para os próximos meses outros magníficos filmes.

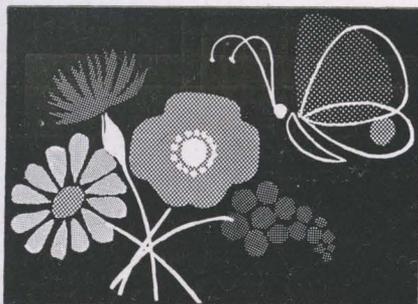
JANTAR SOCIAL

Como parte do desenvolvimento das atividades sociais que a nova sede permite, o clube está realizando, mensalmente, nas datas previamente comunicadas pela circular mensal, jantares sociais que reúnem os associados e suas exmas. famílias. Eis uma iniciativa que está obtendo cada vez maior sucesso estando em estudos várias atrações e surpresas a serem oferecidas aos participantes, durante a reunião.

EXPOSIÇÃO DE PINTURA

O conhecido fotógrafo César Anderaos, do FCCB, é também um amante da pintura, já premiado nos nossos Salões de Belas Artes. O FCCB cedeu o seu salão para Anderaos realizar no próximo mês de março uma exposição dos seus últimos quadros, a qual anançará, certamente, grande êxito.

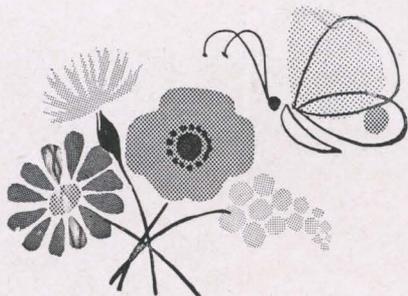
★ Aperfeiçoe-se na arte fotográfica, ingressando no Foto-Cine Clube Bandeirante ★



Agfacolor
FILMES NEGATIVOS **CT17**



AGORA REVELADOS NO BRASIL



Agfacolor
FILMES REVERSÍVEIS **CT18**



O MAIOR NOME EM APARELHOS HIDRÁULICOS NO BRASIL



Torneiras - Registros - Válvulas de descargas - Aparelhos Sanitários para Hospitais

ALBION S. A.

Rua Albion, 202 - Fones 5-0262 e 5-0421 - São Paulo

TUDO DAS MELHORES MARCAS EM FOTOGRAFIA,

ÓTICA E CINEMA

FOTOPTICA



R. Cons. Crispiniano, 49
R. S. Bento, 294 e 389
R. Direita, 85
Cx. Postal 2030
São Paulo

ferrania

ferraniacolor

a ciência garante a qualidade

BRASPORT

S. A. Representantes exclusivos no Brasil

SÃO PAULO — RIO

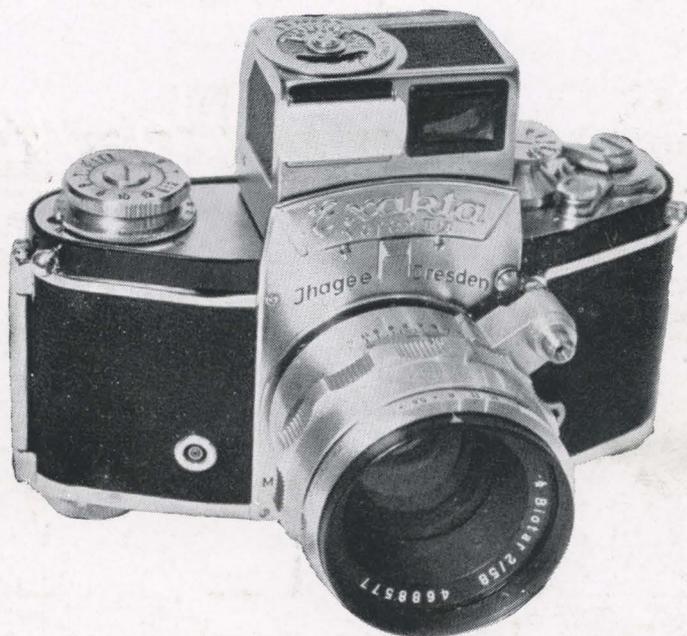


*Clichês para todos os fins
Composições
Provas em glacê*

RUA CONSELHEIRO CARRÃO, 295 SÃO PAULO

Fones: 32-3492 - 35-8000

QUEM SABE FOTOGRAFAR



prefere a
EXAKTA VAREX

Representante exclusivo

SOSECAL S. A.

Comércio e Importação

Matriz:

RUA AMARAL GURGEL, 516
Tel. 33-5472 - Caixa Postal 8870
End. Telegr.: SOSECAL
SÃO PAULO

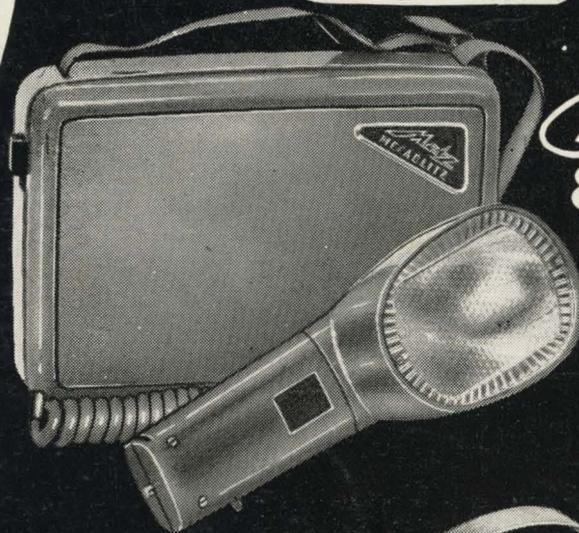
Filial:

AV. MEM DE SÁ, 27 — Sobrado
Tel. 22-7494 - Telegr.: "SOSECALRIO"
RIO DE JANEIRO

*U.S. acertará
cada vez.....*



..... *COM OS NOVOS*
flashes **Mecablitz** *transistorizados*



Mecablitz-200

80-90- WATS

Usa 6 Pilhas de
Lanterna



Mecablitz-101

50-60- WATS

Usa 4 Pilhas de
Lanterna



Exclusividade
TROPICAL
LTDA.

Mecablitz *é mais uma*